


† SÉRIE REDEMPTION HILLS †



*Diz-me que é  
para Sempre*

TOP  
SEL  
LER

A. L. JACKSON

# Capítulo Um

## Jud

Faltava pouco para as dez quando abrandei e virei à direita em direção a Dawson.

A escuridão já descera há muito tempo sobre a pequena cidade montanhosa, mas uma tempestade chegara, e o céu desabava em fúria sobre Redemption Hills, na Califórnia.

— Merda — resmunguei entre dentes, ao ver as luzes vermelhas a piscar mais à frente. A última coisa que queria era armar-me em herói naquele momento. Estava completamente encharcado e mortinho por regressar a casa para poder tirar a roupa ensopada do corpo, tomar um banho quente e talvez beber uma cerveja ou duas, tendo em conta que escolhera uma noite mesmo terrível para dar um passeio.

Mas a tempestade tinha surgido do nada e já estava a meio caminho de casa quando me apercebi de que ia apanhar uma molha.

Abrandei na minha *Harley*, mal me mexendo ao passar pelo carro, na esperança de que o tivessem abandonado por um tempo melhor.

Não tive essa sorte. O capô estava aberto e... porra... uma mulher estava inclinada sobre ele, a espreitar para o motor.

Soltei um suspiro áspero e parei a uns quinze metros em frente ao carro.

Podia seguir em frente, mas seria um golpe baixo. Este lado da cidade era industrial, todas as oficinas estavam fechadas e trancadas a sete chaves, e tinha plena noção de que as únicas pessoas a vaguear a esta hora da noite andavam à caça de problemas. À procura de alvos para soltarem a sua moléstia e depravação.

Achei que a pilha de pecados que estava a pagar era demasiado alta para ainda lhe acrescentar o ter deixado uma miúda pendurada à chuva.

Além disso, não era como se o metal e o óleo não me estivessem no sangue. Era isso que fazia.

Empurrei o descanso lateral, desliguei o motor e saí da moto. Vasculhei a bagageira, tirei a lanterna e liguei-a com um clique. O feixe de luz reluziu através da chuva torrencial que caía do céu. As minhas botas pesadas chapinhavam pelo rio que fluía pelo passeio ao caminhar a passos largos em direção ao carro.

A mulher virou-se. Ao semicerrar os olhos, vi-a encostada à parte da frente do carro, agarrando as chaves entre os dedos com as pontas viradas para fora.

Consegui sentir a energia.

O medo dela a agitar o ar.

Porra.

Não a queria assustar, mas que raio devia fazer? Deixá-la ali? Nem pensar. Posso ter sido um monstro, mas a minha mãe educou-me melhor do que isso.

Foi ficando mais nítida à medida que me aproximei.

Bem, mas que cena.

Dava-lhe uns 24 ou 25 anos.

Estava tão encharcada quanto eu. Tinha o cabeça longo e preto colado ao rosto. Estava a usar uma t-shirt branca fina, calças de ganga, saltos altíssimos, e o tecido agarrava-se a cada centímetro do seu corpo sensual.

Os raios de luz difusa refletiram-se nos seus olhos.

Olhos relampejantes, raios azuis devastadores. Turbulentos. Tumultuosos.

A cara dela era um choque de traços suaves e rígidos, com as sobran-celhas, o queixo e o maxilar afiados, mas as bochechas e a boca cheias e carnudas.

Era tão linda que quase tropecei.

Quando me aproximei, a sua expressão endureceu de terror, mas apertou ainda mais as chaves. Ficou claro que, caso eu me tornasse uma ameaça, não cederia sem dar luta.

Um animal selvagem encurralado a um canto.

Era brava. Feroz.

— Olá, querida. Parece que estás a ter uns problemas. — Quase tive de gritar para ser ouvido por cima da chuva que batia contra o passeio.

Levantou o queixo e consegui sentir a atenção dela a saltar para todo o lado, continuando focada em mim enquanto calculava a sua escapatória, a sua fuga caso fosse necessário.

Aproximei-me com cuidado.

Uma onda de energia fez o chão estremecer.

— Estou ótima. — A sua voz era profunda, ardente e pecaminosa.

— Tens a certeza?

A ferocidade despertou no seu rosto e, porra, tinha dito a coisa errada... Levantei as mãos, com a lanterna a piscar para o lado.

— Não estou aqui para me meter contigo. Vi que estavas em apuros e pareceu-me que precisavas de ajuda. Também não é que goste de estar aqui à chuva.

Os seus ombros aliviaram-se de alguma tensão, mas continuou a observar-me, recusando-se a baixar a guarda. Não que a pudesse censurar, este mundo está cheio de cabrões perversos. Talvez até conheça o nome de metade deles.

— Não estou aqui para te magoar — reforcei num tom áspero.

A miúda soltou um riso de escárnio, fulminando-me com o olhar.

— Não é isso que dizem todos?

Saiu-me uma gargalhada brusca.

Que gatinha assanhada.

Na esperança de a tranquilizar, virei a cabeça para o motor.

— Fazes ideia de qual será o problema?

A miúda bufou de frustração e gesticulou à pressa para o capô, com o cabelo a colar-se todo à sua cara linda.

Deixava-me mesmo distraído, para ser sincero.

— Morreu, simplesmente. Mal consegui encostar na berma.

Olhei-a de esguelha ao aproximar-me com cuidado, pois tinha quase a certeza de que ela não hesitaria em arrancar-me a pila se desse um passo em falso. Inclinei-me sobre o motor, abanando alguns tubos e fios para ver se seria algo simples de arranjar no momento.

— Com sorte, é apenas o alternador ou a bateria — murmurei ao remexer por todo o lado.

— E quanto é que isso custa? — Uma centelha de histeria surgiu na sua voz, como se fosse perder a cabeça se mais alguma coisa corresse mal.

Senti um aperto no peito ao observá-la através da chuva.

Consegui vê-lo estampado na sua cara, o desespero que a percorria. Enchia-a de rigidez e severidade.

— Não sei. Se for a bateria ou o alternador, não será muito grave. Se o teu motor avariou, aí pode ficar complicado. Temos de o levar para a oficina para ver antes de termos a certeza.

— Oficina?

Estávamos a falar por cima do zumbido da chuva torrencial.

— Tenho uma mesmo aqui ao virar da esquina. A Iron Ride.

Pronto, está bem. A Iron Ride era uma oficina de motos personalizadas. As vagas para restauros eram muito cobiçadas e não saíam baratas. A nossa especialidade eram motos, mas, volta e meia, recebíamos um carro raro que reconstruíamos do zero. Não precisava de lhe dizer que os meus mecânicos iriam achar muita piada quando descobrissem que reboquei uma carrinha de 99.

Semicerrou os olhos, a considerar, mas depois recuou de repente e abanou a cabeça. Parecia ser ela a comandar a tempestade furiosa.

Um caos negro a agitar-se pela noite.

— O que vais fazer aqui sozinha, de qualquer forma? — perguntei, afastando o dilúvio a inundar-me o rosto.

— Sabes que mais? Está tudo bem. Estou bem. Hei de... pensar em alguma coisa. Vou pedir boleia a alguém. Podes ir.

Virou a cabeça para a minha moto parada ao longe, ignorando completamente a minha pergunta.

Fitei-a através da chuva, estudando-lhe o rosto que reluzia sob o brilho da luz difusa. Estava a ranger os dentes e o meu olhar fixou-se na cicatriz longa e saliente que percorria o lado esquerdo do seu maxilar cerrado, acentuando-a.

Senti o desejo de esticar a mão e tocá-la. Passar os dedos pela sua pele.

Era mesmo de doidos, a reação provocada por esta miúda. Parecia que de repente não me conseguia mexer.

Estava tão desamparado como ela.

Correi o punho para evitar fazer algo estúpido.

Como se tivesse sentido a minha atenção nessa zona, começou a ranger mais os dentes, porém, em vez de baixar o queixo e escondê-lo, ergueu-o numa espécie de desafio.

A luxúria invadiu-me por dentro.

Pois. Estava a perder a cabeça. A minha mente começou a entrar por caminhos que conseguiriam deixar esta chuva gelada a ferver.

Estava aqui para a ajudar e nada mais.

Mas esta miúda era mesmo atraente e feroz, e a minha pila parecia não ter recebido a informação de que íamos ajudá-la e deixá-la seguir o seu caminho.

O problema prendia-se com o facto de a ter achado capaz de lançar um feitiço com o olhar.

Capaz de hipnotizar e encantar.

Conseguia sentir a magia que flutuava pelo ar.

Feiticeira.

Enleava-se com a tempestade e batia no chão.

Um relâmpago iluminou o céu à nossa volta.

Um segundo depois, um trovão ressoou.

Os meus pelos dos braços arrepiaram-se.

Inalei uma golfada calmante, reprimi o choque doido de atração e inclinei a cabeça.

— Achas mesmo que te vou deixar aqui nesta tempestade?

Num gesto desafiador, cruzou os braços sobre o peito.

— Já te disse que estou bem. Podes seguir.

Mais um relâmpago. Vi-a encolher-se.

— Seguir? Não vai acontecer. Anda lá, temos de sair desta chuva.

— Isso seria incrível... sabes... se o raio do meu carro estivesse a funcionar.

Quase me ri. Que miúda feroz.

— Pega na tua mala.

Arqueou a sobrancelha enquanto um rio de rímel escorria pelas suas bochechas.

— O quê?

— Vamos. — Apontei para a mota.

Ela bufou e bateu o pé como se eu estivesse doido.

— Nem sequer te conheço.

— Chamo-me Jud. Jud Lawson. Como te disse, a minha oficina fica ao virar da esquina. Podemos abrigar-nos lá até a tempestade passar. E sabes que mais? Também não te conheço, querida, e mesmo assim estou aqui quase a eletrocutar-me para te ajudar. Portanto, que me dizes de nos pirarmos daqui antes que apareçamos nas notícias de amanhã?

A desconfiança passou-lhe pelas feições, semicerrando os olhos antes de expirar e atirar as mãos ao ar.

— Pronto.

Avançou para a porta do condutor naqueles saltos todos sexy. Baixou-se e pegou na mala, alçando-a ao ombro antes de se dirigir para mim como um furacão.

Fechei o capô e estendi-lhe a mão. A miúda fulminou-a com o olhar como se fosse veneno.

Uma gargalhada ressoou quando baixei a mão.

— Não te vai morder.

Estreitou o seu olhar malévol.

Porra. Esta miúda conseguia destruir-me com um olhar.

Caminhei para a mota e ela manteve a sua distância enquanto andávamos. Alcei a perna e premi o botão de ignição. O bramido alto encheu a noite, misturado com o ritmo da chuva.

A mulher hesitou ao meu lado, a debater-se, e olhou para o carro parado atrás de nós como um monte de desilusão.

Voltei a esticar a mão.

— Sobe. Essa coisa não vai a lado nenhum esta noite.

Os seus olhos de relâmpago perfuraram-me, afiados como uma lâmina.

— Se me tocares, esfaqueio-te.

Soltei uma gargalhada grave.

— Não duvido, querida. Não duvido nada.

Por fim, cedeu e deu-me a mão.

Uma onda de choque atravessou-me a pele, numa colisão tão severa que fervilhou no ar e se fundiu com o seu toque.

*Mas que raio?*

Controlando-me, equilibrei-a quando lançou a perna comprida por cima da minha mota e apertou o seu corpo contra o meu.

Colocou os braços à volta da minha cintura, com o seu hálito quente no meu pescoço.

Senti-a em todo o lado. Calor e chamas e ferocidade.

O desejo galopou pelas minhas veias.

Repreendi a minha pila silenciosamente, como um miúdo de 13 anos que faltou à aula para ficar pedrado.

*Se tomares más decisões, não chegas a bom porto.*

Engatei a mudança e voltei a entrar na estrada que se estava a transformar num rio.

Uma torrente de água correu e os pneus da mota atravessaram-na, criando uma onda.

Virei à esquerda, ignorando a forma como conseguia sentir o seu coração a bater com força contra as minhas costas, como se esse trovão conseguisse entrar por mim e dominar-me.

Os seus braços apertavam-me cada vez mais, agarrando-me como se eu pudesse ser o seu refúgio.

À esquerda ficava o Absolution, o clube noturno gerido pelo meu irmão Trent, o dono, embora uma parte também me pertencesse, uma vez que investi no espaço quando viemos construir as nossas novas vidas aqui em Redemption Hills.

Luzes de um azul-néon brilhavam na tempestade como uma miragem. Um santuário no meio de fábricas e lojas.

Independentemente de estar a chover a potes, o clube estava tão apinhado como sempre, situado num armazém velho que não passava de ruínas quando pegámos nele e construámos um sonho novo. Onde usámos o valor da nossa depravação e demos tudo o que tínhamos para o depositar em algo melhor.

Onde deixámos os nossos crimes e delitos para trás e tentámos ser honestos.

Mas o Absolution era o bebé do Trent, o meu estava no lote das traseiras.

Fiz duas curvas rápidas à esquerda para contornar o clube em direção à Iron Ride, que ficava num terreno de quase dois hectares atrás do Absolution.

O edifício era gigantesco. Dois andares altíssimos. A passagem para a receção dos clientes e para a entrada fazia-se por enormes portas de vidro à direita, e à esquerda ficava uma fileira de grandes portões de garagens.

Consegui sentir metade da tensão desta mulher desaparecer quando viu o edifício com um letreiro a brilhar.

AbRANDANDO para passo de caracol, premi o botão instalado na mota, que abria o portão da garagem mais ao longe. Luzes piscaram no interior e refletiram-se no chão de resina preta brilhante da oficina.

Entrei aos poucos com a mota, até parar ao lado da minha carrinha, tirando-nos da tempestade e levando-nos para a segurança.

As minhas botas assentaram no chão para equilibrar a mota quando desliguei o motor e empurrei o descanso.

Num instante, o silêncio rodeou-nos. A força da chuva a ecoar no telhado de metal tornara-se um zumbido constante que nos envolvia.

Um sonho enevoado e hipnotizante.

Os braços da miúda apertavam a minha cintura como se não soubesse o que fazer a partir dali, e senti as reservas dela a regressar com toda a força.

— Chegámos — murmurei num tom grave.

Cautelosa, inclinou-se para trás para inspecionar a oficina.

A Iron Ride era alegria pura dentro de 930 metros quadrados.

Um santuário. O local onde encontrei a minha felicidade. Onde encontrei o meu novo *propósito*. Onde criei beleza, quando na minha vida passada apenas criara devastação.

O espaço era composto por paredes grossas de tijolo, pavimento preto reluzente e portas gigantes de aço.

Viam-se motas em diferentes estados de renovação em várias divisões e zonas de trabalho. Também havia alguns carros clássicos espalhados pelo espaço.

As pessoas sabiam que receberiam um trabalho de primeira classe ao levarem os seus tesouros para a Iron Ride. O equipamento era topo de gama, o local mega limpo e mega moderno.

Ainda assim, permanecia autêntico.

— Uau — ofegou.

Lentamente, virei-me e dei-lhe a mão para a ajudar a descer.

Voltou a apoiar os saltos no chão de cada lado da minha mota.

O fôlego escapou-me da garganta.

Luzes fortes brilharam das vigas de onde pendiam e, pela primeira vez, consegui vê-la como deve ser.

A miúda era devastação embrulhada num laço negro e sedutor.

Cabelo de ébano e olhos da cor do mar agitado, do azul mais escuro e profundo. Um abismo onde me perderia tão facilmente. A t-shirt branca ensopada colava-se aos contornos do seu corpo cheio de curvas de *pin-up*.

Não era propriamente alta, mas aqueles saltos davam-lhe uma força imponente.

Um golpe certo. Uma fantasia. Um sonho.

A minha pila deu um salto e a minha boca ficou seca.

Os seus olhos estavam a fazer o mesmo comigo. A estudar-me. Algo flamejava nas suas profundezas e radiava para fora.

Foi a mesma sensação que irrompera quando me tocara há pouco.

Arrancando a sua atenção de mim, olhou em volta. Emitiu um som sarcástico ao agitar os braços.

— Ótimo.

A minha sobranceira levantou-se.

— É?

Porque não parecia impressionada.

Tinha os braços novamente cruzados sobre o peito, e eu estava a fazer o meu melhor para não reparar na forma como salientavam as suas mamas perfeitas.

— Achas que consigo pagar isto? Quero dizer, que sítio é este? — A acusação que lhe ouvi na voz puxou a minha atenção de volta para os seus olhos.

— Já te disse... É a minha oficina.

— Hum, sim, mas parece pertencer a um daqueles programas em que se fazem competições para ver qual das oficinas consegue fazer a mota mais espampanante, e tenho quase a certeza de que não tenho dinheiro para isso.

— Podemos discutir isso amanhã.

Abanou a cabeça.

— Não, não podemos. Quando digo que não tenho dinheiro, estou a falar a sério.

Vasculhou a mala e tirou o telemóvel. Marcou um número e encostou o ecrã ao ouvido antes de começar a dar voltas frenéticas num raio de um metro e meio.

— Vá lá, vá lá, vá lá.

Abafou um grito frustrado na garganta e olhou para o telemóvel, fitando-o como se fosse o único responsável pelo seu problema.

— Porque é que não está a chamar? — rosnou.

Saí da mota.

— As tempestades deitam sempre a rede abaixo.

— Merda — sibilou, fulminando o telemóvel com o olhar como se lhe tivessem crescido chifres. Voltou a sua atenção para mim.

— Preciso de ir para casa.

Pelo portão aberto da garagem, olhei de relance para a rua, onde os céus continuavam a desabar.

— Não me parece que isso vá acontecer agora, querida.

A sua boca torceu-se de preocupação, e algo parecido com medo percorreu-lhe o corpo.

Inclinei a cabeça ao fitá-la, tentando controlar-me para não cuspir as palavras.

— Tens um homem à tua espera?

Emitiu uma lamúria abafada.

— Não.

Parecia querer censurar-se por tê-lo admitido, mas o alívio inundou-me por dentro, tão profundo como a chuva.

Idiota.

Mas não o conseguia parar.

— Estás segura aqui. Prometo.

A miúda parou e os nossos olhares cruzaram-se.

Os seus olhos relampejantes reluziram na luz.

Profundos e negros.

Fantasmas irromperam das profundezas.

Senti-os a puxar o meu coração, impelindo-me a olhar mais de perto.

Estava atraído, como se conseguisse reconhecer algo nesta miúda que não estava lá.

Magia.

Pestanejei para me libertar do transe.

— Vamos apenas ter de esperar — acrescentei.

Exasperada, desceu o olhar para as suas roupas ensopadas.

— Vamos lá acima. Vou arranjar-te algo seco para vestires.

As suas sobranceiras dispararam para o teto.

— Desculpa?

Uma gargalhada seca ecoou do meu peito, e dei dois passos na direção dela.

— Eu moro aqui em cima.

Um riso incrédulo saiu-lhe da garganta.

— Estás a falar a sério?

— Sim.

— E queres que te siga simplesmente até lá acima?

— Tens alguma ideia melhor?

Aceno com a mão.

— Que o meu carro funcionasse. Isso seria uma ótima ideia.

Um sorriso formou-se-me no canto da boca.

— Isso é um sonho, querida, não uma ideia.

Os seus olhos semicerraram-se.

Um riso provocador escapou-me dos lábios, e depois abrandei ao ver um arrepio percorrer-lhe o corpo.

— Anda lá, vamos secar-te. Estás gelada, e a única coisa que quero neste momento é um duche e uma cerveja, e acredito que estejas a sentir o mesmo.

— Isto é de doidos.

— De doidos é ficarmos aqui a congelar quando podíamos estar a aquecer-nos.

Não me pareceu prudente mencionar todas as formas que magiquei para a aquecer.

Talvez não tenha fingido bem e ela as tenha visto passar-me pela mente, porque me lançou um olhar fulminante ao dizer:

— Se me tocares, esfaqueio-te.

Consegui sentir o sorriso a atravessar-me o rosto.

— Deixaste isso muito claro, querida. — Incapaz de me controlar, aproximei-me, murmurando numa voz suave ao seu ouvido: — E quem te disse que queria tocar-te?

Oh, queria mesmo, mas também queria brincar um pouco com a gatinha assanhada.

Tremores abanaram-na.

A energia chicoteou-nos.

A atração era tão feroz que fiquei todo eriçado.

— Só para que fique claro — afirmou entre dentes.

O meu sorrisinho tornou-se completamente irónico.

— Como a água.

A coluna dela endireitou-se numa postura rígida de desafio. O seu cabelo cheirava a coco torrado e a sua pele radiava sexo.

Inebriante.

— Boa. — Os lábios dela sibilaram com firmeza.

— Boa — respondi num tom áspero, premindo o botão para fechar o portão da garagem e avançando para as escadas de metal na parede mais ao fundo, que davam para o meu estúdio no piso de cima.

Conseguia ouvir os seus saltos altos a ecoar atrás de mim.

A presença dela era potente.

Era avassaladora enquanto me apressava pelas escadas acima.

A miúda seguiu-me degrau por degrau.

Ao chegar ao patamar superior, introduzi o código na porta e girei sobre os calcanhares para a encarar. Voltei a ficar sem fôlego ao ver a expressão no seu rosto.

O medo e o alívio.

Senti o coração a martelar-me no peito enquanto a minha cabeça dava voltas.

Feiticeira.

— Como te chamas, querida?

Hesitou um segundo antes de sussurrar:

— Salem.

Uma gargalhada incrédula escapou sem permissão.

Pois.

Magia negra à séria.

# Capítulo Dois

## Salem

— Anda lá, querida. Não sejas tímida. Fica à vontade. — A voz do homem parecia lixa, áspera e crua, embora carregasse um certo tom de casualidade. O meu coração batia com força. Galopava desenfreadamente à minha frente à medida que me aproximava da porta que o Jud deixara aberta.

Só podia ter perdido a cabeça.

Segui este desconhecido até ao seu apartamento.

Disse-lhe o meu nome como se não fosse nada.

Porra, só o facto de me ter sentado na mota dele já parecia querer dizer alguma coisa sobre a minha sanidade.

Era como se conseguisse ordenar-me a dizer toda a verdade e eu não tivesse o poder de me controlar, embora soubesse que não lhe devia dar nada.

Contudo, tinha telefonado ao meu irmão umas quinze vezes enquanto estive pendurada à chuva no meio do nada. Nenhuma chamada fora atendida.

O meu espírito afundara-se cada vez mais no desespero a cada tentativa de falar com alguém.

Engraçado como tinha rezado por ajuda e depois quisera virar costas e recusá-la quando aquele farol apareceu a atravessar a tempestade.

Como se fosse um salvador perverso, o homem aparecera por entre a escuridão enevoadas.

Barbudo e musculado e coberto de tatuagens.

Uma força imponente.

Não tinha a certeza se era um libertador ou um conquistador.

Apenas soubera que os meus joelhos chocaram, que o meu estômago se revirara e que cada réstia da minha autoproteção havia despertado em alerta perante a minha irresponsabilidade.

Mas, quando estamos desesperados, não nos restam muitas opções, e precisamos de aceitar as poucas que nos aparecem.

Foi precisamente essa a razão pela qual atravessei cautelosamente a porta no cimo das escadas e entrei no estúdio.

Os meus olhos apressaram-se a olhar em volta. O espaço era tão gigantesco e exagerado como a *oficina* lá em baixo. Tudo era preto fosco, de metal chamuscado e pele cara.

Grosseiro e áspero e de fazer cair o queixo.

Tal como este homem.

O Jud Lawson estava a andar à minha frente. Cada passo das suas botas no pavimento de bambu preto enviava ondas de choque quentes que ferviam no ar frio.

Lutei por convicção, por manter-me impassível e indiferente. Por não ser a tola que se derrete numa poça de desejo aos pés dele.

Consegui-lo seria um feito impressionante, dado ele ser detentor de uma beleza escandalosa. Ameaçadora.

Era tão ridiculamente alto e largo que devia ter o dobro do meu tamanho.

Intimidante e cru.

Nada além de um homem colossal com um sorriso sensual e demoníaco.

E, de alguma forma, também parecia brando, carregado de um charme que lhe torcia os cantos da boca carnuda e atraente e me causava palpitações desenfreadas no peito.

A parte mais difícil era a forma como continuava a fitar-me com aqueles olhos de obsidiana, mais escuros do que a noite. Pelo seu olhar, não havia dúvidas de que me devoraria se lhe desse essa oportunidade.

Inspirando fundo, entrei no apartamento com as pernas trémulas. Estava completamente ensopada, a pingar e sem saber o que fazer.

Apertei os dedos.

O Jud sentiu a minha pausa e virou-se para me fitar com uma expressão malandra estampada na cara charmosa.

O meu estômago revirou-se em sinal de desejo.

Porra.

Era mais esperta do que isto, era mais esperta do que isto.

Mas a atração não se pode controlar.

É instantânea. Imparável. Desperta num segundo, ainda antes de percebermos o que aconteceu.

Portanto, ia lidar com a atração em vez de a seguir.

Erguendo o queixo, aponte para mim.

Não o devia ter feito.

Porque os seus olhos percorreram-me da cabeça aos pés.

A energia atacou, crepitando no ar.

Uma chicotada de luxúria.

— Estou molhada — afirmei como um desafio.

Colocou a língua de fora como se de repente tivesse sede.

Porra.

Recuei um passo escorregadio, apercebendo-me do que acabara de dizer. Para onde os pensamentos dele tinham ido. Pressionei as coxas uma contra a outra porque, com o seu olhar cravado em mim, o que dissera era ainda mais verdade.

Mas, a sério, este homem queria apenas que eu viesse desfilhar para este luxo ridículo a que chamava casa? Parecia o raio de uma exposição de masculinidade pretensiosa.

Só que ele não parecia assim tão tenso.

Uma gargalhada áspera saiu-lhe da garganta, e quem me dera que não soasse tão bem.

— Também eu, querida.

Apontou para o rasto molhado de pegadas enormes que deixara atrás de si.

A minha garganta estremeceu e percorri os meus lábios secos com a língua.

Ainda pior.

O Jud riu-se mais, misturando o som grave com a carga de água a bater no telhado. Era um zumbido profundo que sussurrava e concedia um tom difuso ao espaço. O clarão de um relâmpago apareceu nas janelas e um trovão ressoou no céu.

— Espera aqui.

Virou costas e afastou-se, passando pela zona da sala de estar no lado direito do estúdio em *open space* e pela cozinha até chegar às portas duplas na parede mais ao fundo.

O homem era todo feito de músculos agressivos e robustos, com os braços e as pernas cheios de uma força dominadora.

A pele exposta nos seus braços estava coberta por um labirinto de tinta.

Os passos dele eram longos e determinados, descontraídos, mas, ainda assim, havia um laivo de dureza na sua postura. Pela confiança demonstrada, soube que o risco e a ameaça não lhe eram desconhecidos. Este homem atacaria ao ser confrontado com o perigo, e era improvável que o seu oponente saísse ileso no fim.

O Jud desapareceu pelas portas duplas.

A minha pulsação batia em surdina enquanto fiquei especada à espera, como uma tola. Voltei a olhar para o telemóvel, encolhendo-me ao ver que ainda não recebera uma palavra.

Eles iriam ficar preocupados.

Porra, até eu estava preocupada.

Contudo, se as minhas tentativas de telefonemas não estavam a chamar, as deles também não passariam.

Um minuto depois, o Jud regressou a passos largos, apesar de ter tirado as botas e estar descalço. Trouxe uma pilha de roupa e uma toalha.

— Não é grande coisa, mas pelo menos podes tomar um duche e vestir algo seco até a tempestade acalmar. Vou meter a tua roupa na máquina de secar.

Um sorriso ténue surgiu-lhe nos lábios ao afastar-se.

O meu espírito agitou-se.

Era doce e intenso e intimidante.

Essa combinação prometia que este homem talvez fosse o mais perigoso que alguma vez conhecera.

Radiava um charme brincalhão, que decerto deixava todas as mulheres insuspeitas à sua mercê, a salivar para provar um pouco daquilo que ele tinha para oferecer.

O seu cabelo negro e desalinhado estava molhado. Era mais comprido em cima, colando-se às arestas esculpidas do rosto dele.

A barba espessa era da mesma cor que o cabelo, e tive de controlar o desejo súbito de a percorrer com dedos quando o Jud me ofereceu a pilha de roupa lavada.

Este homem não passava de uma provocação e de uma armadilha.

— É por ali. — Apontou com a cabeça para as três portas no lado oposto da divisão. — O quarto de hóspedes é a terceira porta à esquerda. Toma um duche.

Os nossos dedos tocaram-se quando me passou a roupa. Arrepios espalharam-se pela minha pele como um fogo repentino.

Inclinou-se para mim, falando num tom baixo e áspero:

— Precisas de te aquecer, querida. Estás fria.

Deslizou a ponta do dedo pelo meu pulso, deixando um rasto de arrepios.

O Jud recuou, com os seus olhos de obsidiana a reluzir de regozijo. Parvalhão.

Sabia exatamente o que me estava a fazer. Ainda assim, murmurei:

— Obrigada.

— O prazer é todo meu, linda. Como te disse, faz como se estivesse em casa. Também vou tomar um banho.

Baixei-me e descalcei os meus saltos estúpidos para não deixar um rasto de marcas no soalho. Pendurei-os nos dedos e agarrei a pilha de roupa com a outra mão. Apressei-me o máximo possível na direção da porta que o Jud indicara, sentindo o calor do seu olhar ao longo de todo o caminho.

Isto era de doidos, mas, verdade seja dita, estava gelada, a estremecer bem lá no fundo.

O facto de o ar condicionado se ter ligado e começado a soprar ar frio para a divisão não ajudou.

À entrada, parei para olhar para trás. Ele continuava na sala.

Tinha um olhar intenso, que espelhava a profundidade do seu ser.

Havia algo tão grande e assoberbante nele, e não tinha nada que ver com o tamanho.

Não havia dúvidas de que o deveria temer, por isso pareceu-me muito, muito problemático que tenha sentido um conforto súbito debaixo do seu olhar. Uma segurança na sua proteção. Mas que estúpida.

Sabia que não devia confiar em ninguém, e aqui estava eu na casa de um desconhecido, sem que ninguém soubesse do meu paradeiro.

Soltei-me do seu engodo e apressei-me o resto do caminho até ao quarto. Estava escuro lá dentro, e eu fechei a porta e tranquei-a num instante. Virei-me e encostei-me à porta, esforçando-me para recuperar o fôlego. Para me controlar. Para me livrar da fantasia em que me sentia a cair.

Mas havia algo nesta noite que fazia com que nada parecesse real. Fora da realidade.

Porque não costumava fazer coisas destas. Nunca era tão irrefletida. Passara os últimos quatro anos a viver com todo o cuidado. A dar passos e a olhar por cima do ombro. Não havia espaço para erros ou percalços.

Mas o meu irmão convencera-me de que era seguro vir para esta cidadezinha para onde trouxera a nossa avó há três meses.

Tinham-se passado anos. Anos a fugir, quase sem existir.

O meu irmão insistira que estava na hora e que não podíamos continuar a viver daquela forma.

O meu peito apertou e a minha cabeça encostou-se à madeira da porta.

Credo, tinha de acreditar nele. Agarrar-me à esperança de que fosse verdade.

Rindo-me da confusão, afastei-me da porta e avancei para a casa de banho do quarto.

Acendi a luz.

Era tão aparatosa como o resto do apartamento.

Tinha paredes brancas de tijolo exposto com bancadas flutuantes de madeira recuperada tingida de preto. As peças embutidas tinham um tom áspero de dourado, e o chão e a parede atrás do duche eram uma matriz de preto e branco. O duche era de vidro, aberto de um lado e com um chuveiro suspenso no teto.

Bem, sendo assim.

Pousei a roupa lavada na bancada e virei logo a torneira para a temperatura mais quente. Despi a roupa encharcada e deixei-a amontoada no chão quando o vapor começou a encher a casa de banho.

Entrei na torrente aquecida e um gemido escapou-me ao sentir a água tocar-me na pele.

Ao sentir os arrepios que surgiram devido ao contraste entre o frio e o calor.

Soltei um suspiro de alívio.

Grata... de súbito.

Tão, tão grata.

Esperava sempre o pior das pessoas e, no luxo deste duche, não consegui evitar pensar que este tipo era mesmo capaz de ser simpático.

Genuíno e bom.

Protegi-me contra essa ideia.

Confiar nos outros só nos deixava vulneráveis. Abria-nos à possibilidade de nos magoarmos, e eu não tinha tempo nem espaço para tal.

Além disso, tinha quase a certeza de que não era preciso muito para aquele rapaz lá fora ter mulheres aos seus pés, e estava ainda mais certa de que o meu coração não estava disposto a ter um namorico ou um caso de uma noite.

Mas, porra, seria tão bom ter um orgasmo provocado por alguém que não eu.

Visões invadiram-me com esse pensamento.

Aquelas mãos enormes e a boca brincalhona e aquele corpo massivo.

Fechando os olhos com força, tentei não o imaginar no quarto ao lado, nu e debaixo do chuveiro quente.

*Não. Não. Não. Não entres por aí, Salem.*

Lavar, secar, sair.

Esse era o meu plano para esta noite.

Ainda assim, sou capaz de ter ficado debaixo daquela cascata relaxante mais tempo do que o suposto, deixando a minha mente viajar demasiado.

Mas podiam censurar-me?

Este sítio parecia uma fantasia.

Aquele homem também parecia uma fantasia.

Uma fantasia maligna onde me perderia com facilidade.

Por fim, fechei a água. Saí para o tapete branco felpudo e peguei na toalha fofa. Engoliu-me por completo quando a enrolei à volta do corpo, e não consegui fazer nada além de pegar numa ponta, aproximá-la do rosto e inalar o aroma — o mesmo aroma que me invadira quando me sentei na mota e o meu nariz se encostou à parte de trás do pescoço dele.

Citrinos e canela e especiarias.

Pelo cheiro, parecia que lavara a roupa numa noite de fim de outono.

Inalei com demasiada força, cravando o aroma na memória, embora duvidasse que o fosse esquecer.

*OK, tarada, para de fantasiar com um homem que está apenas a tentar ser simpático.*

Essa conversa motivacional durou um total de cinco segundos, porque, assim que a sua camisola gigante me passou pela cabeça, voltei a ser sugada para essa ilusão.

Era quente e perfumada e, meu Deus, parecia que estava a ser envolvida por ele. Depois, comecei a rir ao puxar os boxers gigantes para cima e olhar-me ao espelho.

Estava com um ar ridículo.

Afogada em tecido dez vezes maior do que o meu tamanho.

Reprimindo um sorriso, desci os boxers até às ancas, rezando para que não escorregassem para baixo. Depois coloquei a toalha no cabelo, peguei no monte de roupa molhada e voltei a entrar no quarto. Estava apenas iluminado pela luz da casa de banho, embora fosse claro que as duas divisões combinavam.

Tudo era um luxo sombrio e masculino.

Uma cama de casal com lençóis sumptuosos.

Abanei a cabeça e obriguei-me a avançar, embora tenha abrandado, mantendo-me alerta ao destrancar a porta e espreitar para o exterior. Quando me deparei com silêncio, entrei na sala principal em bicos de pés.

O estúdio estava às escuras, exceto pelas luzes debaixo dos armários da cozinha, mas a minha atenção prendeu-se nos quadros pendurados na parede ao fundo da sala, iluminados por holofotes suaves.

Não reparara neles ao entrar, mas, no silêncio, pareciam ser a única coisa que conseguia ver. Os meus pés mexeram-se involuntariamente nessa direção.

As imagens eram uma tentação que me prendeu o coração e a mente.

Ocupavam quatro telas grandes, do chão ao teto altíssimo, duas de cada lado da televisão gigante, pousada num suporte ao longo da parede. As pinturas eram cruas e genuínas, e o meu peito contraiu-se em torno do meu coração palpitante enquanto eu olhava e tentava encontrar o sentido do que representavam. Tive o pressentimento inquieto de que estava a espreitar diretamente para a alma do artista, precisamente onde os seus demónios se agitavam e cresciam.

Retratos de fantasmas a gritar e a uivar. Demónios que escapavam de chamas ardentes para devastarem a Terra, entrelaçados com rostos vagos e obscurecidos, como se estivessem escondidos no cenário, prisioneiros que não pertenciam àquele local, mas estavam presos de qualquer forma.

Outras pinturas detinham uma beleza austera e assombrosa. Estrelas e eternidade e esperança perdida.

A tragédia de cada desenho era de cortar a respiração.

De uma inspiração transcendental.

Aproximei-me.

Enfeitiçada. Extasiada, como se me tivesse tornado um pedaço do sofrimento inscrito nas pinceladas bem demarcadas de tinta. Na agonia entrançada na tela.

O ar adensou, prendendo-se nos meus pulmões, e os pelos fininhos na parte de trás do meu pescoço eriçaram-se.

Congelei. Estava presa, incapaz de olhar ou de me mexer ou de agir ao senti-lo aproximar-se como uma aparição. Como se uma destas pinturas tivesse ganhado vida e se tivesse fechado atrás de mim.

Envolveu-me por completo e acariciou-me nas sombras.

Tinha razão. Este homem era mesmo muito perigoso.

A sua respiração atingiu-me o ombro, onde a sua camisola me ficava larga.

— Aqueceste?

Uma pergunta tão inócua, embora o tom arranhado das suas palavras tenha passado por mim como uma sedução.

— Sim, obrigada.

Apercebi-me de que mal conseguia falar, com a severidade dos quadros a roubar-me a voz e a sanidade.

— Estes quadros são... — Nem sequer consegui formar um pensamento coerente.

O seu tom transformou-se num protesto tenso.

— São só uma coisa para ocupar o espaço.

Franzi o sobrolho perante a sua indiferença, pela forma como descartou o assunto, e quis fazer-lhe mais perguntas, mas fiquei distraída com a gargalhada grave que atravessou a minha pele de repente e me arrepiou de novo.

— Estás com um ar...

Por fim, reuni a força para olhar para trás por cima do ombro. Contudo, ao fazê-lo, os meus olhos encheram-se de um peito largo que estava... despido e tatuado e, oh, meu Deus.

Pensei que ia desmaiar ali mesmo.

Tentei desviar o olhar, mas o cabelo dele, mais comprido em cima e mais rente dos lados, estava molhado do duche e o seu rosto tinha um sorrisinho que me torceu num nó de desejo.

Já para não falar do calor que irradiava do corpo dele.

Fui sacudida por um golpe daquela severidade.

Estava convencida de que tinha provocado um curto-circuito na minha lógica.

— Ridículo — decidiu-se por fim, equilibrando-se nos calcanhares e cruzando os braços sobre o seu peito largo.

O quê?

As suas palavras arrancaram-me do transe.

Que idiota.

Quero dizer, também achava, mas não precisava de o salientar.

Engolindo em seco, afastei-me, erguendo o queixo até ao céu, com todas as defesas em cima.

— Não tinha muitas outras opções, pois não? A não ser que quisesse que pingasse pelo teu chão *ridículo*.

Aquele sorrisinho apareceu-lhe nos lábios.

Danado.

— Não disse que me estava a queixar, pois não, fofinha?

Fulminei-o com o olhar. O que é que se passava com este tipo?

A sério, o que é que se passava *comigo*? Porque é que estava tão afetada por um homem que não conhecia, além do facto de que tinha um excelente gosto para decoração de interiores e de que eu daria a minha mama esquerda pelo duche do quarto de visitas?

Bem, isso e o facto de que parara para ajudar uma desconhecida debaixo de chuva torrencial, embora fosse óbvio que era um ricalhaço.

Não conseguia perceber se era um idiota a meter-se comigo ou se era genuinamente atencioso.

A julgar pelo fulgor nos seus olhos e a provocação na sua boca sensual?

Parte dele estava a meter-se comigo, de certeza.

— Além disso, continuas a pingar o meu chão *ridículo* — murmurou naquela voz áspera e profunda.

Boquiaberta, saltei para trás e vi que o monte de roupa em que peguei estava, de facto, a escorrer para o chão, e uma pequena poça formara-se à volta dos meus dedos dos pés.

— Merda.

O parvalhão riu-se e deu um passo em frente.

— Dá-me a tua roupa.

Agarrei-a mais, como se ele fosse um ladrão qualquer. Um saqueador de bom senso.

Os olhos de obsidiana reluziram e dançaram, o riso flutuou da sua boca e envolveu-me como um sonho. Inclinou-se para a frente e sussurrou ao meu ouvido. As palavras que saíram dos seus lábios eram uma tentação e uma provocação:

— Tens sorte por não te estar a pedir a que tens vestida. Fica aí mais um minuto e talvez o faça.

Semicerrei os olhos ao recuar com a cabeça.

— Eu esfaqueio-te.

Desta vez, a sua gargalhada ribombou. Como se eu é que fosse *ridícula*.

Esticando as mãos, arrancou a bola molhada e a pingar das minhas mãos. Segurou-a contra o peito e afastou-se descontraidamente como se isto fosse a coisa mais normal do mundo.

— Anda lá, Gata Assanhada, a lavandaria é por aqui.

Hum... o quê?

— Desculpa? — Precipitei-me atrás dele.

O Jud limitou-se a rir ao andar pela cozinha até uma porta do lado esquerdo. Abriu-a e entrou numa divisão de lavandaria que era tão grande como a cozinha em nossa casa.

Estaquei à porta porque nunca na vida me iria aproximar tanto do Jud, que sorria enquanto atirava a roupa para a máquina de secar e premia uns botões.

A máquina apitou e começou a girar.

— Pronto, não foi assim tão difícil, pois não?

Fez aquela expressão matreira, olhando-me de alto a baixo ao levar-me para fora da lavandaria.

Bufando, cruzei os braços com força sobre o peito.

— Que se passa, querida?

A sua voz abrandara. Como se não fizesse a mínima ideia de que me deixara toda alterada.

— Não achas que isto é um bocadinho estranho? — Agitei uma mão instável por cima da cabeça.

O Jud sorriu.

— Gosto de coisas estranhas, para ser sincero.

Esticou a mão e passou gentilmente as pontas dos dedos pela cicatriz no meu maxilar.

Foi tão rápido que nem me apercebi do que estava a fazer antes de a sua mão já lá estar. Como se fosse algo natural. Como se o fizesse a toda a hora. Como se tivesse direito a fazê-lo.

O fogo alastrou-se pela minha pele.

Terror e medo e luta.

O pior foi o clarão de conforto que veio a acompanhar.

Recuei, aterrorizada.

— O que pensas que estás a fazer? — sibilei, soltando as palavras de forma desvairada e angustiada. O pânico atravessou-me as veias e quase me fez sair a correr aos gritos.

Que se lixasse a chuva e a tempestade.

Mas obriguei-me a ficar ali espedada.

*Não era fraca.*

*Não era fraca.*

Levantei o queixo em sinal de provocação, como se estivesse a desafiá-lo a fazê-lo de novo porque, desta vez, iria dar-lhe uma lição.

O Jud teve o atrevimento de parecer arrependido e enfiou as mãos nos bolsos das suas calças de ganga de cintura descida, que expunham uma parte dos seus abdominais esculpidos, com os ossos das ancas a espreitar por cima. A pele firme e tonificada também estava coberta de desenhos, que me recusei a estudar, embora estivesse mortinha por esticar a mão e tocar-lhes, tal como ele fizera com a minha cicatriz.

Como se fosse natural.

Certo.

Credo, meio que odiava este homem. Odiava que agitasse algo em mim que não me podia permitir sentir.

— Desculpa. Fui rude. — Parecia estar a falar a sério.

— Nem sequer te conheço.

Tirou a mão do bolso e passou-a desajeitadamente pelas madeixas mais longas do cabelo.

— Eu sei.

Hesitou, depois acrescentou:

— Mas há algo em ti, não há, Salem? — Semicerrou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, estudando-me como se fosse um enigma que estava a tentar decifrar.

A energia estremeceu e dardejou. Um manto de relâmpagos surgiu de súbito nas janelas. A sua corrente percorreu o ar denso.

Pela forma como os seus olhos afagaram o meu rosto, mais valia terem sido as suas mãos.

— É errado querer conhecer-te?

A atração ergueu-se e ferveu. Ficou suspensa no espaço vazio que fervilhava entre nós. Era uma armadilha para me atrasar.

Gravidade.

Vasculhei o cérebro, à procura dos últimos resquícios de senso comum.

— Não tenho o mínimo interesse nisso. — As palavras foram desagradáveis e uma mentira autêntica. — Só quero ir para casa.

O golpe da rejeição estampou-se no seu rosto, depois desceu o olhar para o chão.

— Pronto, está bem — murmurou entre dentes, abanando a cabeça com a afronta enquanto fitava os pés descalços.

Um trovão ribombou. Depois, a chuva intensificou-se, começando a bater violentamente no telhado.

O Jud ergueu o olhar para mim e cada ângulo do seu rosto endureceu com a sua promessa:

— Já te disse que o meu objetivo esta noite era deixar-te em segurança.

Tinha quase a certeza de que *aqui* é que não estava segura, a julgar pela forma como o meu coração estava acelerado e o meu estômago se retorceu e este desejo carente me dominava. Engoli em seco.

— O que queres dizer com isso?

— Que estás presa comigo hoje. Amanhã de manhã, levo-te a casa bem cedo.

— Estás à espera que fique aqui? Contigo? — Soltei um gritinho incrédulo.

— Não estava a dizer na minha cama, querida. — Voltou a inclinar-se para a frente, acariciando a minha pele com o seu hálito, com o sexo e a sedução a surgirem. — Mas isso seria muito divertido, não seria?

O ar prendeu-se nos meus pulmões e ele soltou um riso grave, olhando para mim como se soubesse que me provocou um acesso de desejo. Depois, afastou-se muito casualmente, parecendo tão esmagador na sua cozinha, e tão sensual ao abrir o frigorífico preto para tirar uma cerveja. Torceu a tampa, bebeu um gole demorado e ergueu a garrafa, encarando-me enquanto recuava.

— Boa noite, Gata Assanhada. O quarto de hóspedes é todo teu. Põe-te à vontade. Vemo-nos amanhã de manhã.

Fiquei de queixo caído ao vê-lo desaparecer pelas mesmas portas duplas, do lado oposto do quarto onde tomei banho.

O quarto com aquela cama gigante e luxuosa onde ele esperava que fosse dormir.

Fiquei espedada às escuras durante pelo menos dez minutos, a questionar que raio deveria fazer, porque isto era de doidos, enquanto o céu continuava a desabar num dilúvio.

Por fim, aceitei que estava ali presa esta noite e entrei no quarto de hóspedes com relutância, fechei a porta e tranquei a fechadura.

Deslizei para debaixo dos lençóis e afundei-me no conforto sumptuoso.

Escrevi uma última mensagem e rezei para que pelo menos alguém a recebesse.

**Eu:** Ainda não consegui contactar ninguém. O meu carro avariou, mas cruzei-me com um amigo que me deu um sítio para ficar esta noite. Amanhã de manhã já estou em casa. Não te preocupes, por favor, eu fico bem.

Um amigo era um exagero.

Mas eles não precisavam de ficar ainda mais preocupados do que já deviam estar.

Depois, deixei-me relaxar no calor debaixo da colcha pesada à medida que a exaustão do dia me puxava consigo, a embalar-me para um sonho, sentindo o sono a arrastar-me para as profundezas mais escuras da consciência.

Onde tudo desvanecia e flutuava e tomava formas antigas.

Onde os sonhos dominavam e os pesadelos assombravam.

Onde o aqui e o agora se entrelaçava com o passado. Onde se fundiam e cruzavam e chacinavam.

Onde o luto sussurrava, rastejava e sugava a vida do ar.

Onde não fazia ideia das horas quando acordei sobressaltada ao ouvir um rugido abafado. Um berro de dor. Um urro de agonia.

E não sabia se era dele ou meu.

# Capítulo Três

## Jud

Embora ainda nem sequer fossem oito da manhã, ouvia-se *heavy metal* aos altos berros nas colunas penduradas em cada canto do teto altíssimo da Iron Ride.

Não tinha dormido nada de jeito ontem à noite, às voltas na cama com o pensamento de que a Salem estava no quarto mesmo ao lado do meu, aquela gatinha feroz que me conseguia provocar tão facilmente.

Aparentemente, só precisava de uma desconhecida boazona toda molhada na minha sala para me fazer perder a cabeça. O meu pensamento racional. O meu bom senso e sensatez.

*O meu propósito.*

Por isso é que fizera algo tão *ridículo* como dizer-lhe que a queria conhecer.

Foi marado, a sério.

Um riso incrédulo saiu-me da garganta ao estudar a peça de metal na minha mesa de trabalho.

Estava à espera de quê? Que ela me conhecesse e estivesse na boa comigo? E por que raio é que o sugeri, sequer? Será que pensei por segundos que queria fazê-lo?

Sabia por experiência própria que não funcionava assim. No segundo em que as palavras me escaparam da boca, percebi que estava a entrar numa armadilha. Que isso contrariava tudo o que sabia e pelo qual trabalhava.

Mas, ainda assim, o interesse estivera lá, entranhado em mim, e não apenas naquele corpinho firme.

Pelo menos a miúda tivera o bom senso de recusar, mas deixou-me agitado e teso na mesma, sentindo o cérebro em papa ao escapulir-me

para o meu quarto, na esperança de que, se me fechasse atrás da porta, talvez conseguisse parar de pensar nela.

Mal consegui.

Por fim, desistira quando o sol a irromper no horizonte levou a escuridão do meu quarto. Tinha vestido qualquer coisa e descido para a oficina.

Havia muito que fazer, de qualquer forma, por isso começar mais cedo não iria magoar ninguém.

Além disso, a Iron Ride era onde encontrava a minha paz. Onde criava beleza, sendo que a minha vida passada apenas criara devastação.

Era onde soldava e lixava e pintava e reconstruía. Ressuscitava o que estava usado e obsoleto. Decrépito e degradado. Pérolas inestimáveis deixadas a apodrecer nas traseiras de quintais e em terrenos esquecidos. Desconstruía os carros e as motas até aos ossos, para depois restaurar e reinventar a sua glória.

Era arte que se manifestava nas minhas mãos sujas, que estava a dar o meu melhor para limpar.

Perdia-me naquilo. Entrava em transe.

Com os ouvidos cheios de batidas fortes e ritmadas, vi o fogo cortar o metal através da minha máscara de proteção. Fagulhas voavam e disparavam enquanto fazia o meu corte de precisão.

Estava muito focado, mas também fascinado pelos movimentos, como se a minha alma se tivesse juntado à festa.

Assim que o guarda-lamas metálico da mota finalmente se separou, soltei o suspiro que estava a conter, sentindo a tensão presa nos meus músculos a esvair-se. Desliguei o maçarico para poder estudar o meu trabalho. O meu dedo, coberto por uma luva de couro, deslizou pelo corte.

A assegurar a perfeição.

Não tolerava menos que isso na minha oficina.

Tudo o que saía por estas portas tinha de ser espetacular.

Impressionante.

Quero dizer, porra, já tinha feito motards da velha guarda chorar quando entraram para levantar as suas motas. Se um homem soltava uma lágrima ou duas ao ver a sua besta pela primeira vez, era uma vitória.

Ao ouvir o ribombar de uma carrinha entrar no estacionamento, tirei as luvas e avancei para o lugar vazio onde o Brock entrou com o reboque.

Avançou na horizontal em relação ao edifício, engatou a marcha-atrás e recuou para o lugar. Deixou o motor em ponto morto ao sair pela porta do condutor e andar a passos largos na minha direção.

— Então, chefe, é este?

A sua voz era pura especulação. Como se não lhe tivesse dado uma descrição específica do carro e as indicações de onde estava estacionado.

— É esse.

Virou a cabeça loura e rapada para mim, com um sorriso a alargar-se no rosto ao premir o botão para descer o elevador.

O Brock foi o primeiro mecânico que trouxe para a minha equipa. Era ágil com a chave inglesa e possuía um instinto natural para diagnosticar problemas. Podia jurar que aquele cabrão conseguia dar vida a um motor a enferrujar há vinte anos num campo deserto.

Também não fechava matraca o dia todo.

— Isto é alguma piada? Um teste? Ou o negócio está a abrandar e ficou desesperado? Pensava que tínhamos a agenda cheia até ao próximo ano.

Tendo em conta que era sábado e estávamos todos a fazer segundos turnos para acompanhar a carga de trabalho, a resposta era óbvia.

— Estou a ajudar uma amiga — disse, atirando um olhar que indicava que a razão para o carro estar ali não lhe dizia respeito.

— É gira? — troçou.

— É preciso ser para se fazer uma boa ação? — ripostei. Tive de me controlar para não espetar um murro na cara presunçosa daquele magricela. Contudo, isso talvez o deixasse arrumado durante uma semana inteira e precisava dele para trabalhar numa Ford caixa aberta de 63 que estava agendada para sair no mês seguinte.

Ele encolheu os ombros.

— Ei, só sei o quanto custa conseguir uma vaga aqui, e meteu-me a trabalhar numa berlina velha? Alguma coisa deve estar a receber.

Ignorei-o e virei a minha atenção para o Darius, que virou à esquerda no estacionamento com a sua carrinha preta de caixa aberta.

O Darius começara a trabalhar connosco apenas há um mês. Era o oposto do Brock. Calado e intenso. Era tatuado e rígido e quase tão grande como eu. Ficava perdido nos seus pensamentos na maioria do tempo, mas cumpria o trabalho. Era um técnico básico vindo de um concessionário, mas estava desejoso por aprender e eu estava desesperado por ajuda.

Como o Brock dissera, tínhamos a agenda cheia para o ano inteiro e andava a recusar clientes a torto e a direito.

O Brock estava prestes a soltar as correntes no carro da Salem quando o Darius parou e saiu da carrinha.

— O que se passa?

Atravessou o estacionamento a correr, de olhos postos na berlina. Ótimo.

Também ia ter de o aturar.

Depois, parei, sentindo arrepios a percorrer-me a pele quando um choque de energia entrou de rompante pela oficina. Tão feroz como a tempestade da noite passada. Virei-me e vi a Salem descer as escadas do meu apartamento.

O fôlego foi arrancado dos meus pulmões.

Porra.

A miúda era ainda mais bonita do que me lembrava na noite passada.

Tão atraente.

Sexy como tudo.

Estava a usar a mesma roupa de ontem, embora o seu rosto estivesse desmaquilhado e o cabelo negro preso num apanhado desgrenhado na nuca.

Toda ela era uma fantasia perfeita a flutuar para fora do meu estúdio.

Imaginei que tivesse sido a tempestade a deixar aquele sentimento a silvar no ar e que esta conexão já tivesse desaparecido hoje de manhã. A conexão que me fazia querer explorar algo que sabia muito bem que não deveria explorar.

*Não podia explorar.*

Mas ali estava, a atravessar a atmosfera, a vibrar ao longo desta fita invisível que nos amarrava.

Nenhum de nós conseguiu desviar o olhar.

Os seus olhos de relâmpago cravaram-se em mim através do espaço, perfurando-me até ao fundo e deixando-me refém.

Questionei-me se mais alguém teria reparado na forma como ficámos a fitar-nos.

Enleados num segundo. Presos no momento.

Algo poderoso acendeu-se nas minhas veias.

Desejo. Posse.

A miúda não passava de uma feiticeira.

Magia negra a sério.

Porque me deixou a sentir algo impossível.

— Ah, é gira, sim senhor. — As tretas do Brock arrancaram-me do feitiço. — Sabia que tinha de estar a receber alguma coisa, e essa é bem boa.

Pelo amor de Deus.

Comecei a dirigir-me a ele, mas o Darius fez-me estacar de repente quando avançou para a Salem com passos enraivecidos. Parou a meio do caminho, mesmo entre nós.

Tinha as mãos ceradas em punhos enquanto a sua atenção disparava entre mim e a miúda.

Podia jurar que a morte estava estampada no seu rosto.

Conhecia bem essa expressão.

Virou o seu veneno para ela.

— Salem, que raio estás aqui a fazer?

Bem, que merda.

Dissera-me que não tinha nenhum homem à sua espera, mas fiquei com o pressentimento de que tudo ficou confuso muito depressa.

Tive o desejo de o puxar para trás, de me meter entre eles, sobretudo tendo em conta que a miúda descera as escadas como se tivesse sido bem fodida quando isso nem sequer estava perto do que realmente aconteceu, infelizmente.

Mas a Salem revirou os olhos de irritação ao chegar ao nosso pátio e avançou na nossa direção. Toda feroz e cheia de uma convicção tumultuosa.

— Liguei-te quinze vezes e enviei-te ainda mais mensagens. O meu carro avariou.

Os olhos do Darius voltaram-se para olhar para o carro.

O Brock estava de pé ao lado dele, a sorrir como se fosse o Joker e a rir-se baixinho ao observar a cena. Não havia dúvidas de que estava a adorar a tensão.

O Darius virou-se para olhar para mim como se estivesse a imaginar arrancar-me a carne dos ossos.

— Tentei ligar-te hoje de manhã — afirmou num tom áspero, embora ainda me estivesse a fulminar com o olhar ao dizê-lo.

— Fiquei sem bateria e estava a dormir em segurança porque um tipo simpático parou para me ajudar no meio da chuva torrencial. Foi só isso.

— Aposto que a ajudou e bem — picou o Brock.

Virei-me e aponte para ele, deixando a ameaça sair-me da língua.

— Mais uma dessas, Brock, e dou cabo de ti.

Riu-se como se fosse algo hilariante.

— Estava quase a dar em doido, Salem — atirou o Darius, virando a atenção para a miúda.

— As minhas mensagens de ontem à noite não chegaram hoje de manhã? Em que te contei o que tinha acontecido e que estava bem? — A sua voz era um desafio.

— Sim. — Pareceu relutante ao admiti-lo.

A Salem cruzou os braços sobre o peito.

— Então, sabias que estava bem?

Ele passou uma mão áspera pelo cabelo.

— Sim.

— Então, tenho quase a certeza de que esta raiva não é por minha causa.

Chegando à rápida decisão de quem era a *causa*, o Darius lançou-me um olhar furioso.

Levantei a mão para o acalmar, já que o rapaz parecia prestes a explodir.

— Ouve, fui dar uma volta e fiquei preso na tempestade. No regresso, passei pelo carro dela em Dawson. É um sítio manhoso, como sabes, e nem pensar que a ia deixar lá sozinha.

Não precisava de me justificar porque não tinha feito nada de mal. A raiva dele não era culpa minha. Não fazia ideia de que a Salem estava com alguém. Além disso, ela também não fizera nada de mal. Apenas deixara que alguém a ajudasse. Isso não era crime nenhum.

Não era como se estivesse a trair o seu homem ao procurar refúgio debaixo do meu teto.

O facto de ter sentido um nó nas entranhas com uma espécie de ciúmes doentios ao pensar nela com um homem?

Pois.

Isso já era culpa minha.

Se bem que a Salem estava a bufar de incredulidade e a inclinar a cabeça com um ar ofendido.

As suas garras de gata selvagem estavam a sair.

Ficava tão sexy com toda aquela ferocidade.

— Não precisas de explicar *ao meu irmão* o porquê de teres parado para me ajudar, Jud. Não fizemos nada de mal e ele não tem o direito de agir como se tivéssemos feito.

Enfatizou a palavra *irmão*, e porra, terá sido um suspiro de alívio a sair-me dos pulmões?

Pois foi. Foi, sim senhor.

O Darius fulminou-me ainda mais com o olhar.

Oh, não.

Esfreguei a palma da mão na cara.

Virou-se para ela outra vez, com a voz cheia de condescendência.

— Desculpa se fico preocupado quando chego ao trabalho e vejo a minha irmã a sair do apartamento do meu patrão nas calmas.

O seu olhar cortante cravou-se em mim de novo.

O Brock gritou e abanou as ancas.

— Um amigo... É muito amigável, chefe?

— Se dizes mais uma palavra... — O meu dedo estava novamente apontado para ele.

Parecia que nenhum de nós ia sair daqui vivo, porque a Salem abanou a mão no ar, virando a sua indignação para mim.

— E porque é que o meu carro está aqui?

As minhas sobrancelhas levantaram-se de surpresa.

— Hum... porque avariou?

Ergueu o queixo marcado pela cicatriz e, porra, estava deseioso de esticar a mão para lhe tocar outra vez.

— Já te disse que não tenho dinheiro para isso.

— Não pedi que tivesses. Eu trato disso.

Ela e o Darius bufaram ao mesmo tempo. Talvez devesse ter reparado nas semelhanças desde o início.

— Não me parece — disseram em uníssono.

Deus me ajude.

Passei as duas mãos pelo rosto.

— Estou só a tentar ajudar.

— Ajudar...

Assim que o Brock abriu a boca, peguei numa chave inglesa e atirei-lha antes que pudesse acabar de falar. Acertou-lhe em cheio no peito e fê-lo cair de joelhos. O gajo começou a rebolar no cimento preto brilhante.

A chorar e a rir como o tolo que era.

A sorte dele era ser bom.

Virei-me para a Salem, que parecia prestes a passar-se nesse preciso momento. Olhou de relance para o irmão.

— Tens tempo para me dar boleia até casa?

O Darius respondeu com um aceno tenso.

— Tenho. Dá-me só um segundo para levar as coisas para a minha estação de trabalho. — Levantou a mala que pousara no chão à sua frente. — Isto é, se o chefe estiver de acordo.

Havia um desafio na sua pergunta, e porra, pensei que tinha aprendido mais sobre este tipo nos últimos dois minutos do que desde quando começara a trabalhar aqui.

Ergui o queixo.

— Sem problema.

— Ainda bem — cuspiu a Salem, depois saiu a correr com aqueles saltos altos para a porta, em direção à carrinha do Darius.

— Ei — chamei por ela, incapaz de fazer outra coisa além de a seguir.

A miúda tinha uma gravidade da qual não me conseguia livrar.

Precisava de acabar com esta treta de uma vez por todas.

Mas ali estava eu, a segui-la até à luz brilhante do novo dia, com o chão molhado e o ar húmido pela tempestade da noite passada.

— Mas que raio? — indaguei quando se recusou a virar-se para mim. — Salem. Espera.

Quase tropecei quando se voltou como um tornado.

— Não preciso de caridade.

— Não insinuei que precisavas.

Apontou desenfreadamente para a parte da frente do seu carro, visível através da porta.

— Esperas ser pago por isto?

Balancei-me sobre os calcanhares e cocei a parte de trás do pescoço, sem saber qual deveria ser a resposta certa neste caso.

— Hum, não.

Tombou a cabeça para o lado e disse numa voz dura:

— Caridade. Já te disse ontem à noite que este sítio era demasiado caro, e rebocaste o meu carro de qualquer forma?

— Toda a gente precisa de uma ajudinha de vez em quando, Salem. Não há mal nenhum nisso. E se isto é por causa do que aconteceu com o teu irmão, ele tem de saber que não estavas a sair do meu apartamento com vergonha, que...

A Salem aproximou-se da minha cara.

As palavras morreram na minha língua quando a severidade estalou como uma chicotada. Num segundo, o meu interior enleou-se naqueles olhos de relâmpago.

Espetou o dedo no meu peito.

— Vergonha? Se te fodesse, teria sido porque queria, e não sentiria nem uma pontada de vergonha, por isso tu e o meu irmão podem-se lixar.

Hum... uau.

Não soube se deveria ficar excitado ou ofendido.

Fui atingido por visões como um estalo de luxúria.

Pronto, está bem.

Como fiquei excitado, lá fui eu, aproximei-me e deixei as palavras ressoar perto do seu ouvido:

— Talvez goste disso. Não me tentes, feiticeira.

Soltou um guincho, levantou as mãos e foi a bater com os pés o resto do caminho até à carrinha do Darius. Virou-se para mim ao abrir a porta.

— Pronto, arranja o meu carro, Jud, mas vou arranjar uma forma de o pagar. Recuso ficar a dever-te alguma coisa.

Entrou e fechou a porta com força, e fiquei ali especado quando o Darius passou por mim, fitando-me com uma desconfiança descarada.

Sentou-se no lado do condutor, ligou a carrinha e saiu à pressa, ouvindo-se o motor barulhento a ribombar à medida que desapareceu pela rua abaixo.

Fiquei ali parado sem saber que raio tinha acabado de acontecer.

Uma gargalhada irrompeu atrás de mim.

— Ups, lá se foram os seus tomates, chefe.

Entrei na oficina a passos largos, sem me dar ao trabalho de dizer ao Brock para ir para um certo sítio.

Sobretudo quando tinha um pressentimento desagradável de que o cabrão tinha razão.

Salem é a devastação embrulhada  
num laço negro e sedutor.  
Um golpe certo. Um sonho.

Jud Lawson regressa a casa numa noite de temporal quando encontra Salem Aguilar numa estrada deserta, a espreitar por baixo do capô do carro avariado. Encharcado ao volante da sua *Harley*, a última coisa que quer é armar-se em herói, mas sendo dono da única oficina nas redondezas, acaba por lhe oferecer ajuda.

Salem mudou-se para Redemption Hills para fugir ao seu perigoso ex-marido e não tem muita gente a quem recorrer, por isso aceita a boleia de Jud, que lhe dá guarida e se oferece para lhe arranjar o carro sem qualquer custo.

Não tarda a que surja entre eles uma atração difícil de ignorar, mas o passado traumático que os persegue e os segredos que guardam há muito acabarão por vir à tona e intrometer-se entre os dois.

Da mesma série:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller\_editora

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-763-6



9 789895 897636